

CIDADES DE FÉ: MECA, MEDINA E JERUSALÉM NO CONTEXTO SAGRADO DO ISLAMISMO

CIUDADES DE FE: MECA, MEDINA Y JERUSALÉN EN EL SAGRADO CONTEXTO DEL ISLAM

CITIES OF FAITH: MECCA, MEDINA AND JERUSALEM IN THE SACRED CONTEXT OF ISLAM

José Carlos Moraes¹

Resumo

Este trabalho aborda a temática religiosa e histórica presente nas Cidades de Fé: Meca, Medina e Jerusalém no contexto sagrado do Islamismo. O problema de pesquisa consiste em elucidar a relevância destas cidades em sua historicidade sagrada para o Islamismo, quando de sua formação após a revelação Divina recebida por intermédio do anjo Gabriel, revelação esta que culminou no Livro Sagrado do Islamismo, intitulado Alcorão. O objetivo da pesquisa respondeu as questões da sacralidade presente nas três cidades sagradas e o motivo destas cidades serem e se manterem sagradas no decorrer do tempo, compreendendo ainda as questões oriundas que fizessem com que esse pensamento histórico se justificasse e se mantivesse até a atualidade. Com uma abordagem metodológica bibliográfica qualitativa, investigando o tema narrado em obras elaboradas por autores renomados, que apresentam dados textuais relevantes para este empreendimento, e que trouxeram robustez nesta temática. O objetivo foi analisar a questão islâmica, a qual inicia com o Profeta Maomé, no tocante da sacralidade presente nas cidades sagradas aqui investigadas. Desta forma, o objetivo da pesquisa foi respondido, trazendo à tona as questões que explicam a sacralidade islâmica de Meca, local de nascimento do Profeta Maomé e onde se localiza a Caaba; Medina, local de sepultamento de Maomé e onde este ascendeu politicamente; e Jerusalém, que embora não esteja citada no Alcorão, aqui se localizam a Mesquita de *Al-Aqsa*, local onde Maomé ascendeu aos céus, e onde se encontra o Domo da Rocha.

Palavras-chave: Islamismo; Maomé; Meca; Medina; Jerusalém.

Resumen

Esta obra aborda el tema religioso e histórico presente en las Ciudades de Fe: La Meca, Medina y Jerusalén en el contexto sagrado del islam. Este problema de investigación consiste en esclarecer la relevancia de estas ciudades en su sagrada historicidad para el Islam, cuando se formaron tras la revelación divina recibida a través del ángel Gabriel, una revelación que culminó en el Santo Libro del Islam, titulado Corán. El objetivo de la investigación respondió a las preguntas sobre la sacralidad presente en las tres ciudades sagradas, y la razón por la que estas ciudades son y siguen siendo sagradas a lo largo del tiempo, comprendiendo también que las cuestiones derivadas de este pensamiento histórico están justificadas y mantenidas hasta la actualidad. Con un enfoque metodológico bibliográfico cualitativo, investigando el tema narrado en obras elaboradas por autores reconocidos, que presentan datos textuales relevantes para esta empresa, y que aportaron solidez a este tema. El objetivo era analizar la cuestión islámica, que comienza con el profeta Mahoma, respecto a la sacralidad presente en las ciudades santas aquí investigadas. De este modo, se investigó y respondió el objeto de investigación, poniendo a la luz las preguntas que explican la sacralidad islámica de La Meca, lugar de nacimiento del profeta Mahoma y dónde se encuentra la Kaaba; Medina, lugar de enterramiento de Mahoma y donde ascendió políticamente; y Jerusalén, que aunque no se menciona en el Corán, alberga la Mezquita de Al-Aqsa, donde Mahoma ascendió al cielo y donde se encuentra la Cúpula de la Roca.

Palabras clave: Islam; Mahoma; La Meca; Medina; Jerusalén.

¹ Licenciado em História pelo Centro Universitário Internacional - UNINTER. Professor na mesma Instituição.

Abstract

This work addresses the religious and historical theme present in the Cities of Faith: Mecca, Medina and Jerusalem in the sacred context of Islam. The research problem consists of elucidating the relevance of these cities in their sacred historicity for Islam, when they were formed after the Divine revelation received through the angel Gabriel, a revelation that culminated in the Holy Book of Islam, entitled Quran. The objective of the research answered the questions of the sacredness present in the three sacred cities and the reason why these cities are and remain sacred over time, also understanding the questions arising from this historical thought to be justified and maintained to the present day. With a qualitative bibliographic methodological approach, investigating the theme narrated in works prepared by renowned authors, which present textual data relevant to this enterprise, and which brought robustness in this theme. The objective was to analyze the Islamic question, which begins with the Prophet Mohammed, regarding the sacredness present in the holy cities investigated here. In this way, the objective of the research was answered, bringing to light the questions that explain the Islamic sacredness of Mecca, the birthplace of the Prophet Mohammed and where the Kaaba is located; Medina, Muhammad's burial place and where he rose politically; and Jerusalem, which although not mentioned in the Koran, is home to the Al-Aqsa Mosque, where Muhammad ascended to heaven, and where the Dome of the Rock is located.

Keywords: Islamism; Mohammed; Mecca; Medina; Jerusalem

1 Introdução

Esta pesquisa apresenta o Islamismo, religião oriunda da Arábia por meio do Profeta Maomé (Muhammad), que teve uma revelação Divina por meio do anjo Gabriel, quando estava meditando em uma Caverna próxima a Meca, e que esta revelação culminou no Livro Sagrado da religião islâmica; o Corão ou Alcorão, escrito tempos após a morte do Profeta, Livro este que apresenta as premissas religiosas e morais para a vida da comunidade de adeptos da religião muçulmana.

O trabalho foi redigido em acordo com as temáticas estabelecidas, visando explicar os seis principais pontos que esclarecem a questão sacra das cidades religiosas que foram abordadas neste texto.

Uma comunidade religiosa possui em seu contexto de vida, elementos sagrados que promovem a ligação do fiel com a divindade. No caso do Islamismo, religião monoteísta, Deus ou Allah é apresentado na visão islâmica como o Todo Poderoso, não possui filhos, é Misericordioso, Clemente, o Justo, um Juiz e outros atributos mais. Sua revelação foi transmitida para a humanidade tempos antes do início da religião islâmica, por exemplo, no Jardim do Éden, por meio de Abraão, sua esposa Agar, e seu filho Ismael, e houve outros profetas que trouxeram os preceitos islâmicos, mas, o último portador destes preceitos foi o Profeta Maomé, o último mensageiro, que apresentou o Alcorão, e que após sua morte teve os preceitos de Deus todos redigidos nas 114 suratas presentes no Alcorão. O sagrado para o Islamismo se apresenta diariamente na vida de todo adepto, que ao aceitar a religião, aderiu a cinco pilares: profissão de fé, as cinco orações diárias, a caridade, o jejum durante o mês do Ramadã, e peregrinar pelo menos uma vez na vida a Meca, desde que possua condições financeiras de empreender tal viagem.

O que torna algo sagrado para o Islamismo é o fato da conexão direta que o fiel tem para com Deus, o Alcorão e a submissão a Deus. Enfim, esta conexão se faz presente no intelecto do fiel por meio das práticas diárias, dos princípios e valores a serem seguidos constantemente, não se limitando a locais ou objetos físicos, mas sim se submetendo a Deus e suas orientações para a vida em comunidade.

Sobre a biografia do Profeta Maomé, nascido em Meca no ano de 570 d.C. e falecido e sepultado em 632 d.C. na cidade de Medina, reside a importância em compreender os meios divinos utilizados por Deus, que o instruiu para o estabelecimento da nova religião e a fundamentação do Islamismo; este se posicionou à frente de seu povo para apresentar a revelação corânica, que viria a moldar a questão ética e moral do seu povo.

Na questão sagrada, Meca é o local onde se encontra a Caaba, um cubo em granito localizado na grande Mesquita desta cidade. Ali, muitos fiéis vindos de várias partes do mundo peregrinam e circungiram a Caaba, dando sete voltas nela como parte desta peregrinação. Acredita-se ainda que Abraão e Ismael construíram a Caaba no passado, e Maomé a purificou para a restauração do propósito Divino em instituir a religião islâmica na Arábia. Toda Mesquita, onde quer que se localize, tem seu nicho (mihrab) apontado para a parede (qibla) voltada para a Caaba em Meca, que serve como um guia para os fiéis durante sua oração. Já a cidade de Medina, anteriormente chamada de Yathrib, é o local para onde o Profeta Maomé migrou quando se sentiu ameaçado em Meca devido a suas pregações ensinando a questão de Deus, o monoteísmo, para uma comunidade adepta de muitos deuses. Esta migração para Medina é conhecida como hégira e marca o início do calendário islâmico. Quanto a Jerusalém, esta não é mencionada no Alcorão, mas sim a Mesquita de Al-Aqsa, de onde Maomé ascendeu ao sétimo céu e onde outros profetas fizeram suas orações. Em Jerusalém, ainda, localiza-se o Domo da Rocha, local onde, no passado, Abraão iria sacrificar o filho Ismael como sinal de obediência a Deus.

2 Metodologia

Este artigo foi produzido com base na pesquisa bibliográfica qualitativa, selecionando obras de autores renomados, e que trouxeram o alicerce para a construção deste texto. Os autores trabalhados e citados nas referências desta pesquisa, são autores de livros sobre o tema do Islamismo, e que são reconhecidos no mercado editorial, e ainda, possuem obras presentes na Biblioteca Pearson, que ajudaram a firmar os objetivos desta pesquisa.

3 Revisão bibliográfica / Estado da arte

3.1 O significado do sagrado para um povo

Os sistemas religiosos se constituem em anseios e desejos que os povos possuem, afirma Armstrong (2002), e assim, as religiões se manifestam e se apresentam aos povos, deste anseio vem a fé como elemento pujante e central para o intelecto humano, sendo algo a ser obtido tal como um ideal religioso. Sobre os sistemas religiosos, Cumino (2008) explica que as religiões possuem suas formas de compreender as questões do mundo, e como se adorar a Deus. Os sistemas podem sim ser diferentes, entretanto, crer em algo não nega o que está presente na crença de outro indivíduo. Não existe o que é falso ou verdadeiro, verdades podem se apresentar de distintas formas e se harmonizarem de uma forma muito natural. Os sistemas religiosos do ocidente têm muita aproximação e semelhanças. Já o autor Faria (2017) afirma que o sagrado é um fenômeno que se constitui no elemento que se localiza não somente em um Templo, mas sim, o sagrado é algo considerado santo, e foi apartado para determinadas ações que ocorrem em específico para um grupo religioso. No caso do Islamismo, o sagrado tem uma proximidade muito grande para com Deus, ou que talvez um elemento possua uma consagração específica para atingir esta sacralidade, um espaço celebrativo, algo que signifique muito para a comunidade, um objeto de apreço, uma época específica, e seus elementos primordiais nesta constituição.

Segundo Armstrong (2022), a explicação que para o mundo antigo do oriente médio, a ideia de nosso Deus surgiu aos poucos, cerca de 14 mil anos atrás. O senso de “espiritual” e “santo”, esta força misteriosa, tem outros nomes, variando de lugar para lugar, acreditava-se que esta força residia em um chefe tribal, em plantas, rochas ou animais, para os latinos, o numina (espírito) estaria nas grutas sagradas, para os árabes, em sua mitologia, existia uma paisagem repleta de djins (seres sobrenaturais). Todos queriam ter este contato divino, a fim de que, estas forças estivessem a serviço do povo. Transformavam estas forças e a associavam com a natureza, seja vento ou sol, e com caracteres humanos, um senso de algo invisível e presente em nosso mundo. Armstrong (2022) acrescenta que para Rudolph Otto, o historiador alemão da religião que publicou seu importante livro *A ideia do sagrado* em 1917, esse senso do “numinoso” era fundamental para a religião. Este poder numinoso se fazia presente nas comunidades de maneiras diferentes, agindo em meio a realidade de uma cultura. Ao se criar mitos e adorar deuses, ficavam perplexos incorporando o mistério a sua vida cotidiana. Em outra obra, Armstrong (2002) argumenta que havia no crescente fértil e na Arábia, por volta de 14000 a.C., os povos que habitavam estas terras e tinham a adoração moldada por um

paganismo, e adoravam deuses celestiais, com inúmeras práticas religiosas, animistas ou agrárias, que marcavam presença enraizada na natureza e em ciclos agrícolas.

Ries (2019) argumenta que as visões de Mircea Eliade no tocante ao homem dentro do plano religioso, afloram em quatro pautas: o sagrado, o símbolo, o mito e o rito. Em contrapartida, Rudolph Otto apresenta que o sagrado é observado na questão do numinoso (qualidade que transcende ao divino), sendo um objetivo presente em boa parte das religiões existentes. Desta forma, Ries (2019) explica que Mircea Eliade apresenta que a hierofania (revelação do sagrado) surge com o objeto natural, o objeto mediador sacro e um objeto mediador. O objeto que apresenta o transcendente graças à dimensão sacral se torna mediador entre este mundo e o mundo transcendente: é o caso da árvore sagrada, do lugar sagrado, do sacerdote. E assim a hierofania submete-se no espaço e tempo.

Armstrong (2010) afirma que os tempos mudam em questões de afirmação do homem, e a sua espiritualidade. Houve um tempo de transição entre 700 a.C. e 200 a.C. conhecido por Era Axial, onde o ser humano se desenvolveu economicamente, não se satisfazendo mais com o pouco, existia a necessidade de superar o que se possuía, e buscar ganhos excedentes. As civilizações se fortaleceram, e impérios nascem, o poder não pertence somente ao rei ou ao sacerdote, cultos antigos eram muito limitados, e agora muito mais, se venera uma só fonte do sagrado.

Consequentemente surgiram profetas e reformadores, dizendo que a virtude da compaixão era crucial para a vida espiritual: a verdadeira devoção se revelava na capacidade de ver o sagrado em todo indivíduo e na disposição para cuidar dos membros mais vulneráveis da sociedade. Assim, brotaram no mundo civilizado da Era Axial as grandes religiões confessionais que continuaram guiando a humanidade: o budismo e o hinduísmo na Índia; o confucionismo e o taoísmo no Extremo Oriente; o monoteísmo no Oriente Médio, o racionalismo na Europa. (Armstrong, 2010, p. 13).

Com o Islamismo não foi diferente, houve a revelação das premissas a seguir trazidas por um anjo ao Profeta Maomé, e este foi o portador das revelações ao povo Árabe primeiramente, e no idioma local. O nascimento de uma religião, sempre ocorre com uma revelação, ou um local sagrado, apresentando sempre uma questão Divina.

3.2 Influência do sagrado na construção da subjetividade do pensamento

Ries (2020) explica a visão de Mircea Eliade, o que é sagrado para alguém, quando manifesto, o homem apreende este fato e em seu intelecto se conscientiza, afinal, o sagrado é totalmente diferente do profano. O sagrado chega até o homem se mostrando nos objetos, em mitos, nos símbolos, em seres e até mesmo nos indivíduos. O sagrado é algo potente, está em

plano diferente do nosso, é invisível, tem naturalidade, tem uma dimensão mediadora com a sacralidade, e aqui o fato principal, ligando a transcendência ao mundo natural. É preciso frisar que o homem naturalmente só tem a experiência do transcendente, e este contato atribui ao homem um novo sentido para a sua vida.

Armstrong (2009) afirma que na antiguidade, era comum a existência de santuários, elemento fundamental que apresentava o sagrado como item fundamental para a sobrevivência da sociedade. No caso da Caaba, para o Islamismo, é visível a seguinte premissa.

A estrutura da Caaba obedece ao padrão geométrico que, segundo o psicólogo C. G. Jung (1875-1961), possui significado arquetípico. A maioria das cidades antigas tinha um santuário que estabelecia a ligação com o sagrado, essencial a sua sobrevivência. Transportava a realidade do mundo divino, primordial e mais poderosa, para as frágeis e inseguras comunidades urbanas. Redondo ou quadrado, conforme descrições de autores clássicos, como Plutarco, Ovídio e Dionísio de Halicarnasso, reproduzia supostamente a estrutura essencial do universo. (Armstrong, 2009, p. 64).

Com esta descrição, Armstrong (2009) argumenta ainda que o objetivo é tirar o cosmo do caos existente, e a Caaba cumpre este propósito, faz com que a ordem divina esteja presente, uma formulação perfeita e presente no universo. As sete voltas que os adeptos da religião islâmica fazem, representam a submissão a Deus. Vale acrescentar que Maomé de forma alguma se considerou o fundador de uma religião nova, mas a sacralidade chegou na língua árabe, e por meio de um profeta. Quanto a alicerces que fundamentam uma religião, é importante o relato dos autores Gaarder, Hellern, Notaker (2000), que explicam:

A fim de criar um fundamento histórico para sua nova religião, Maomé se reportou a Abraão e Ismael, antepassado dos árabes. Ensinou que Abraão e Ismael tinham reconstruído a sagrada Caaba, que fora erigida por Adão mas destruída pelo dilúvio na época de Noé. Segundo Maomé, os judeus, os cristãos e os politeístas haviam corrompido o monoteísmo original de Abraão (Gaarder; Hellern; Notaker, 2000, p. 125).

Com todos os elementos firmados, surgem os locais que possuem ligação com o sagrado, denotando para o povo que o procura com a sua fé, e buscando aproximação com a divindade, uma forma de respeito e submissão para a aproximação com as benesses celestiais. Para o Islamismo, existem três cidades sagradas: Meca, Medina e Jerusalém. Estas cidades, constituem-se no objeto de interpretação e construção do conhecimento destinado neste trabalho.

3.3 Um breve relato biográfico sobre o profeta Maomé (570 a 632 d.C.)

Um tema histórico e religioso para ser apresentado, precisa destacar como tudo se inicia. E aqui, a menção ao Profeta Maomé (em respeito ao nome do Profeta, em todas as menções ao

nome deste, é correto dizer: Que a Paz e as Bênçãos de Deus estejam sobre ele). Com o Profeta, inicia a revelação do Alcorão e posteriormente surge a religião islâmica. O surgimento do Islamismo ocorre com o Profeta Maomé. Sobre isto, é importante compreender a biografia deste Profeta.

Carvalho (2016) e Gaarder, Hellern, Notaker (2000) trazem a seguinte informação sobre o Profeta Maomé: este nasce em Meca, no ano de 570 d.C. Próximo dos seis anos de idade, este ficou órfão e diante da prematuridade deste fato, necessitou aprender a viver sem auxílio, mas, seu tio, Abu Talib ficou responsável por este, que pertencia a tribo dos coraixitas (opositores da crença em um Deus uno). Maomé era um comerciante, hábil vendedor, e viajou pela Arábia fazendo uso desta profissão para sobreviver. Em 595 se casou com Khadija, uma viúva que tinha um pouco mais idade que o Profeta, e que se tornou após as revelações do anjo Gabriel (Alcorão), em sua primeira seguidora. A revelação do anjo Gabriel ocorreu no ano de 610 d.C. É um fato presente, de que existem poucas menções sobre a juventude do Profeta. Esta revelação culminou no Alcorão Sagrado. Importante compreender que o Profeta era iletrado e nada deixou por escrito. Este fator não o impediu de ser comerciante, e após sua morte em 632 d.C. os califas que o sucederam, continuaram suas pregações e ensinamentos do Alcorão, Livro Sagrado do povo muçulmano. Sobre esta sucessão, Moretão (2016) destaca que com a morte do Profeta, por não ter um filho homem, e não ter formado um sucessor, começam os embates sobre quem lideraria e continuaria este legado deixado. Surge então Abu Bakr, pai de Aisha, que era uma das esposas do Profeta e de outra parte vem Ali, líder dos xiitas e que tinha laço de família, pois era primo do Profeta e marido de Fátima, uma das filhas de Maomé. Assim, Abu Bakr torna-se o primeiro califa. Sobre a sucessão de Maomé, Leme (2019) explica que:

A sucessão política de Maomé foi um período desgastante em busca de alguém que controlasse suas conquistas, pois substituir seu papel estava fora de cogitação. O novo comandante político e militar deveria manter o que outrora fora alcançado e aumentar cada vez mais a expansão. Os primeiros a tomar posse do difícil cargo de líder da comunidade islâmica pertenciam ao grupo dos homens próximos do profeta Maomé – os chamados *califas rashiduns* (“corretamente guiados”) -, que se tornaram os vigários do Islã: Abu Bakr (governou de 632 a 634), pai da esposa de Maomé, Aisha; Omar (governou de 634 a 644); Ulthman (governou de 644 a 656); e Ali Ibn Ali Tahib (governou de 656 a 661) (Leme, 2019, P. 92).

Samy (2014) relata a revelação do Alcorão para o Profeta Maomé em 610 d.C. durante uma meditação, diretamente do anjo Gabriel, ficando assim encarregado de promulgar esta palavra para a comunidade. Os maiores detalhes são compreendidos na questão da revelação em sua originalidade e como isto sucedeu, e neste tocante, Gaarder, Hellern, Notaker (2000) relatam que a revelação de Deus ao Profeta Maomé, ocorreu desta forma: Todos os anos o

Profeta se retirava para um local isolado próximo a Meca, para fazer suas meditações, e, este era um hábito também de monges e eremitas cristãos, que tinham como base um texto sagrado já existente, ao contrário do Profeta Maomé. E em um destes retiros ocorre a manifestação de Deus ao Profeta, quando o anjo Gabriel surge com um pergaminho pedindo a Maomé que lesse o texto, mas, o Profeta disse ao anjo que não sabia ler, quando então o anjo Gabriel disse isto: “Recita em nome do teu Senhor, que criou, criou o homem a partir de coágulos de sangue. Recita! Teu Senhor é o mais Generoso, que pela pena ensinou ao homem o que ele não sabia.” (Gaarder; Hellern; Notaker, 2000. P.120).

Compreenda-se que no idioma árabe, recitar possui a mesma raiz que Curan, significando ler ou ler alto, então, Curan, Corão ou Alcorão, que possui as revelações do anjo Gabriel ao Profeta Maomé passam a ser sagrados, e o Profeta se torna o mensageiro, e ainda, Gaarder, Hellern, Notaker (2000) explicam que o Corão teve sua escrita firmada tempos após a morte de Maomé, tendo uma produção constituída de 114 suratas ou capítulos, onde o início se constitui das suratas mais longas e segue diminuindo até o final do Livro Sagrado.

Com uma abordagem histórica e jornalística, a autora Armstrong (2002), relata que o Profeta Maomé com as revelações do Alcorão, este feito propiciou ao povo as benesses políticas e espirituais, unificando muitas tribos árabes, e as tornando com o ensinamento adquirido, em uma única comunidade que tem um único fim em comum. É em torno do ano 700 d.C. que a influência islâmica se instaura de forma abrangente em um vasto contexto geográfico, esta influência abrangeu em seu início da Arábia até a China, e a oeste, chegando ao sul da Espanha. A expansão do Islamismo foi muito rápida, menos de um século após a morte do Profeta Maomé. É necessário entender que o Islamismo, obteve uma primazia de *status quo* maior que as religiões rivais, o Cristianismo e o Judaísmo.

É comum a todos pensar em Maomé como um líder guerreiro, e deixar de lado os milagres que este promoveu e que não são divulgados com ênfase em sua biografia. Müller (2024) explica que um muçulmano que assume uma ortodoxia, comentará veemente os milagres feitos pelo Profeta, já, o Livro Sagrado intitulado Alcorão traz que Maomé é um homem comum como todo homem, e no tocante aos feitos incríveis, atributos como milagres a qual chamam a atenção de todos, observa-se que Deus é quem faz as obras grandes, em todos os elementos da natureza diariamente, e este diz que se intitula como um defensor de causas e que não pode mostrar um milagre, exceto aquilo que todos encontram todos os dias tal como noite e dia, mas sim, o proprietário dos verdadeiros sinais, este sim, é Deus.

Para Schilling (2003) o Profeta Maomé tem sua particularidade na questão de sua biografia, afinal, de tantos profetas conhecidos por todos, este caso é diferente, ele viu a sua

obra consagrada ainda em vida, ao entrar em Meca no ano de 630 d.C., após vinte anos de pregações que iniciaram em 610 d.C., e assim, converteu o povo a uma fé que ele mesmo propagou, não somente a Arábia, mas a todas as tribos que estavam presentes habitando a península arábica.

4 Meca, a primeira cidade sagrada para o islamismo

Para Armstrong (2002), Sarde Neto (2020) e Costa (2020) Meca é o principal local sagrado para o Islamismo, onde se encontra o santuário em granito, a Caaba, que possui um formato de cubo, sendo aqui o local onde os muçulmanos se reúnem nas peregrinações (Hajj) até Meca, princípio este de que todo fiel precisa fazer uma vez em sua vida. Filho (2021) acrescenta ainda que é necessário que o fiel tenha condições financeiras para tal viagem, e este ato se constitui em uma forma de culto para com Allah (corpo, mente e alma). O Hajj ocorre nos primeiros dias do mês lunar de dhul-hijjah, e o auge deste culto se dá no nono dia, relembrando a total ênfase dada pelo patriarca Abraão e seu dispor no sacrifício do seu filho Ismael, relatado no Alcorão 37:99-113.

99 E disse (Abraão): Vou para o meu Senhor, Que me encaminhará. 100 Ó Senhor meu, agracia-me com um filho que figure entre os virtuosos! 101 E lhe anunciamos o nascimento de uma criança (que seria) dócil. 102 E quando (a criança) chegou à adolescência, seu pai lhe disse: Ó filho meu, sonhei que te ofereceria em sacrifício; que opinas? Respondeu-lhe: Ó meu pai, faze o que te foi ordenado! Encontrar-me-ás, se Allah quiser, entre os perseverantes! 103 E quando ambos aceitaram o desígnio (de Allah) e (Abraão) preparava (seu filho) para o sacrifício, 104 Então o chamamos: Ó Abraão, 105 Já realizaste a visão! Em verdade, assim recompensamos os benfeitores. 106 Certamente que esta foi a verdadeira prova. 107 E o resgatamos com outro sacrifício importante. 108 E o fizemos (Abraão) passar para a posteridade. 109 Que a paz esteja com Abraão – 110 Assim, recompensamos os benfeitores -, 111 Porque foi um dos Nossos servos crentes. 112 E lhe anunciamos, ainda, (a vinda de) Isaac, o qual seria um profeta, entre os virtuosos. 113 E o abençoamos, a ele e a Isaac. Mas entre os seus descendentes há benfeitores, e outros que são verdadeiros injustos para consigo mesmos.

Diante da seriedade expressa no texto do Alcorão por Abraão, ao sacrifício de seu filho, Costa (2020) relata que o peregrino que se dispõe a vir em Meca, na medida em que se aproxima da cidade sagrada, a consagração deste vai aumentando, tornando-se alguém totalmente dedicado a Allah, um respeito muito grande até mesmo com o corpo purificado pela ablução, suas vestes de peregrino que é chamada de *Ihram*. Assim que chega em Meca, buscará sua acomodação, estabelecerá suas necessidades físicas e então, ir a Caaba para os preceitos de adoração, a exemplo do profeta Maomé. Sarde Neto (2020) acrescenta que em Meca, esta é a Mesquita pioneira, e foi construída para a adoração a Deus, e isto tem uma explicação: quando

Agar e Ismael estavam próximos da morte lá no deserto, o anjo pediu que dessem golpes no solo, e por milagre eis que surge água, diante deste acontecimento divino, Abraão constrói posteriormente a Caaba, visando que todo muçulmano faça sua peregrinação a este local, e apesar de ser um local sagrado para o Islamismo, aqui não peregrinam shiitas ou outros grupos minoritários do islã, devido a conflitos com sunitas (que se consideram verdadeiros peregrinos) desde a morte do Profeta Maomé, e período de início dos califas, aliado a mais um problema diplomático da atualidade, que envolve a Arábia de domínio saudita, e outros países islâmicos como o Irã.

Para um muçulmano, Gaarder, Hellern, Notaker (2000) dizem que é contundente a questão de que a cidade de Meca e a Caaba, se constituem no centro do mundo, e não só os fiéis voltam o rosto para Meca quando oram, mas também todas as Mesquitas têm em sua construção um aspecto peculiar na conexão espiritual, onde seu eixo mais longo também é apontado para a cidade de Meca. Outro fator predominante em Meca, é o monte Arafate, este monte se localiza nas proximidades da cidade de Meca, e foi aqui que Adão e Eva tiveram seu novo encontro, após a sua expulsão do jardim do Éden. Aqui, todo peregrino que vem a Meca circungirar a Caaba, se prostra neste monte, do meio-dia ao pôr do sol, agravado por não proteger sua cabeça do sol, quando o peregrino solidifica seu pacto com Deus e reafirma que não existe outro Deus. Hourani (2006) e Rodrigues (2024) acrescentam ainda que é no monte Arafate, próximo de Meca, o local onde o Profeta Maomé fez seu sermão de despedida, para os muçulmanos em 632 d.C. falecendo neste mesmo ano, e ressaltando a importância do Islamismo e os princípios como a igualdade, justiça e direitos dos fiéis, sejam mulheres ou homens. Este monte é um local de muita misericórdia e sacralidade do Islamismo, para fortalecer os laços de irmandade.

A primeira importância de Meca é a peregrinação, mas, para chegar a este nível sagrado, antes de tudo, é extremamente importante compreender que, são as pregações iniciais do Profeta Maomé em Meca, segundo Gaarder, Hellern, Notaker (2000), se revelando inicialmente como o emissário divino ao trazer para a população, uma mensagem inteiramente nova. E esta mensagem primeiramente assustou as famílias poderosas da cidade de Meca, que compreenderam estas revelações como uma afronta política a nobreza, pois, o Profeta pedia que a população abandonasse a adoração a toda e qualquer divindade antes existente, mesmo que instituída pelos antepassados, e passassem a adorar somente a Alá, que seria o único e eterno Deus dos árabes. E assim toda aristocracia de Meca ficou indisposta com o Profeta, e desta oposição virá a ocasionar sua ida para Medina, episódio conhecido como hégira, onde popularmente sua mensagem já havia alcançado a muitas pessoas com a aceitação do Islamismo.

Armstrong (2010) afirma que Maomé, o novo profeta de Meca, nem imaginou que os fatos ocorridos em sua luta, contribuiriam para o surgimento de uma nova religião com a envergadura que possui o Islamismo atualmente. A preocupação do profeta denotava no tocante ao povo menos favorecido. Meca por volta do ano 610 era muito próspera, mas havia um mal-estar espiritual instaurado nas pessoas preocupadas em acumular fortunas, e este fato aterrorizava o profeta, que via a preocupação dos menos favorecidos, diante das pessoas de posse. Todo este interim teve mudança, quando o profeta Maomé começa a receber as revelações da escritura na língua árabe, o Alcorão, e este fato inicia no mês do ramadan de 610 d.C. e segue pelos próximos 22 anos. O ambiente de Meca neste tempo, era de uma idolatria por outros deuses e com os poderosos avalizando tudo, mas, quando Maomé começa a entregar suas revelações do Alcorão e as pessoas menos favorecidas aceitam suas premissas, é que começam as perseguições por parte dos aristocratas da cidade para com todos os que aceitaram as novas premissas, causando assim um desconforto não somente para Maomé, mas também os menos favorecidos que aceitaram a revelação do profeta. É aqui, ano de 622 d.C. que o profeta Maomé em conjunto com setenta famílias de adeptos, deixam a cidade de Meca e se deslocam para Medina. Assim, a primeira semente estava lançada em Meca, e esta germinação era uma questão de tempo.

Abdalati (2008) argumenta que peregrinar (*haji*) a Meca, pelo menos uma vez na vida e circungirar a Caaba por sete vezes, e desde que o fiel tenha condições financeiras para empreender tal viagem, é algo primoroso, e além desta peregrinação, existem mais quatro questões da confissão de fé do Islamismo que estruturam a religião: A fé (*chadada*) em Allah, a oração (*salat*) cinco vezes ao dia, ajudar os necessitados (*zakat*), e o jejum no mês do ramadan. Armstrong (2010) acrescenta que esta peregrinação a Meca, para visitar a Caaba (santuário em forma de cubo), tem um valor inestimável, dedicada originalmente ao Deus altíssimo, foi Maomé quem islamizou os ritos desta peregrinação, fortalecendo o espírito de comunidade. Este argumento se consolida na afirmação de Carvalho (2016), ao explicar que Meca é muito importante e sacra, onde todo fiel, necessita orar todos os dias, cinco vezes, com a sua face sempre direcionada para a cidade de Meca.

A Caaba se localiza em Meca, construída por Ismael e Abraão por volta de quatro mil anos atrás, feita em pedra, e muitos creem que este santuário originalmente foi estabelecido por Adão. Este santuário tem vital importância para o Islamismo, sendo o local de adoração para todos os peregrinos, relatado no Alcorão (2018). E ainda, o fato de que estar em Meca, é estar no principal local onde Deus honrou o monoteísmo, desde os tempos de Abraão. Estar em Meca para a peregrinação, significa estar amparado ainda por guias instruídos e credenciados para a

ajuda aos peregrinos. Chegar até Meca, é o mesmo que um patriota que retorna de um exílio, relatado por Abdalati (2008). E AL-Khazraji (2015) destaca que esta peregrinação é tão valiosa, que se constitui em um Congresso Mundial islâmico, tão benéfico para o peregrino, que possui valor educativo, social e político, objetivos estes destacados de forma memorável pelo Alcorão, com a ordem promulgada para Abraão, fundador da Caaba, presente na 22^a surata All Hajj – A peregrinação versos 27 e 28.

AL-Khazraji (2015) afirma que a trajetória do profeta Maomé foi de extrema dificuldade durante sua vida, muitos árabes queriam executar sua pessoa, árabes idólatras que governavam Meca, mas, ao final, com a conversão da Península arábica, Maomé entra em Meca, e purifica a Caaba Sagrada de todos os ídolos do passado, determinando um novo culto e a fé monoteísta para todo aquele que recebe a Deus. A importância de Meca, é reafirmada e confirmada com o Profeta Abraão e o primeiro filho, Ismael, ao erguerem a Caaba em Meca, onde segundo a tradição, Adão e Eva teriam habitado. Aqui, o Arcanjo Gabriel deu a Adão a pedra fundamental, ou seja, a pedra negra (está dentro da Caaba), marcando assim o simbolismo de remissão para toda a humanidade. Sobre esta entrada em Meca, Schilling (2003) afirma que o número de seguidores de Maomé aumentou demais ao longo do tempo, diante dos habitantes que se negavam a uma conversão e mantinham suas crenças anteriores; diante de muitos embates, vem o *gran finale* que foi a batalha do fosso, em Medina, onde a cavalaria vinda de Meca, tinha a missão de reprimir o movimento de Maomé e seus seguidores. Maomé vence esta batalha em 627 d.C., e o que sucede foi um acordo, firmando o Tratado de *Hodaibya*, em 629 d.C. que firmou a volta de Maomé para Meca, estipulando as novas diretrizes de um novo estado religioso. Durante sua vida, o Profeta teve muitas fases: começa com suas dúvidas religiosas, é eleito por Deus um comandante de soldados, general, mestre das estratégias, e ao final um grande estadista e conquistador, a qual lança as bases de um novo estado islâmico, com objetivos bem centrados na questão da paz e fraternidade entre o povo árabe.

É necessário esclarecer a questão religiosa desta sacralidade, no tocante a pedra negra firmada em Meca: Gaarder, Hellern, Notaker (2000) afirmam que Meca, muito antes dos tempos do Profeta Maomé, era um grande centro religioso e comercial onde, as tribos nômades do deserto tinham grande afinidade com a questão da sacralidade da pedra negra de Meca, já recebendo aqui, a adoração de muitos peregrinos no tocante aos deuses que ali habitavam. Nestes tempos, começa a mudança dos hábitos tribais dos beduínos do deserto, e estes procuram se fixar nas imediações de Meca, e abandonando seus costumes tribais, com a promulgação dos ditos do Profeta Maomé, afinal, começa a extinção das religiões tribais ali existentes e culto a diversos deuses.

5 Medina, a segunda cidade sagrada para o islamismo

Anteriormente conhecida por *Yathrib*, a cidade de Medina esclarece Costa (2020), tem a sua importância sagrada devido ao processo migratório do profeta Maomé, vindo de Meca, devido as perseguições que ele passou a sofrer por anunciar uma fé monoteísta. Este fato oriundo do ano de 622 d.C., intitulado *hégira* ou *hijrad* marca o início do calendário islâmico. Nesta ocorrência é que *Yathrib* passa a se chamar Medina, ou, *Medinat al-nabi* traduzido por a cidade do Profeta. E ainda, o túmulo do Profeta Maomé, se localiza também em Medina.

Para Gaarder, Hellern, Notaker (2000), Medina foi o refúgio do Profeta, daí a sua importância para o sucesso posterior do Islamismo, afinal, daqui partiram as campanhas militares, religiosa e política, pois, o Profeta coordenava os ataques às caravanas dos aristocratas de Meca, estas ações possibilitaram o levante financeiro para, posteriormente, em 632 d.C. tomar a cidade de Meca, e ter o total acesso a Caaba e difundir o Islamismo, e foram estas ações militares que trouxeram o nome *jiha*d e que depois foi utilizado no desígnio de uma guerra intitulada como santa. A tomada de Meca e o subjugo da maior parte da Arábia, ocorreu antes ainda de sua morte. A união do país com um só objetivo, teve o apoio da premissa onde a religião seria ainda mais importante que os laços do passado, que visavam a família, a sua existência e a manutenção das tribos árabes.

Segundo Armstrong (2010), quando Maomé se muda da cidade de Meca, juntamente com as setenta famílias que aderiram a nova revelação, estes se deslocaram por quatrocentos quilômetros, passando a residir em *Yathrib* (atualmente é a cidade de Medina). Esta saída de Meca para Medina, marca o começo da era muçulmana intitulado por *hégira* e assim, houve a fundação da primeira comunidade islâmica, pautada nos preceitos do Alcorão. Com este episódio, sucede então um problema entre as comunidades, de Meca e de Medina. Assim, os primeiros dez anos da nova comunidade de Medina, foi de muito perigo para os novos adeptos dos princípios do Islamismo estabelecidos por Maomé, afinal, laços de sangue foram rompidos com a comunidade anterior de Meca. Esta nova tribo era pequena, diante das demais comunidades que sobreviviam por meio de sua ligação, onde se defendiam das tribos nômades que pudessem atacar a estes. Inclusive, devido ao ocorrido, Maomé obteve assim muitos inimigos, que pretendiam assassiná-lo. Sucede que, tribo após tribo, foram aderindo aos novos preceitos de Maomé e a revelação do Alcorão, e assim, por volta de 630, até a comunidade de Meca aderir aos novos preceitos, abrindo as portas para Maomé retornar à cidade. Para Kalisch (2009) é importante a compreensão de que o Alcorão contém além das declarações de Deus, as normas jurídicas, algo em torno de 500 versos conhecidos como *ayat al-ahkam*, e aqui mais

uma importância da cidade de Medina, onde, Maomé atuou como chefe e juiz, fazendo valer o direito islâmico como direito divino e sistema jurídico ideal para a convivência pacífica entre todos.

Sobre a hégira, Ries (2020) descreve a cultura existente nas vésperas deste evento, onde os árabes adotavam muitos deuses. Na obra *Kitab al-asnam*, Ibn Al-Kalbi relata a devoção no culto aos ídolos, sendo estes, pedras erigidas e ainda outros objetos como árvores sagradas ou estatuetas compradas em locais de comércio, havendo inclusive estatuetas em torno da Caaba de Meca.

É um fator de excelência para o peregrino, afirma Abdalati (2008) ir também a Medina para visitar o túmulo do Profeta Maomé, claro que peregrinar a Meca é o principal feito, mas recomenda-se a quem possa, visitar em Medina o túmulo do Profeta Maomé, sendo que o auge desta viagem peregrina quando chega ao final, é o fato de que os muçulmanos mais abastados do mundo inteiro, é colaborar sempre com os mais pobres no dia do “Ide”, a qual marca o final do mês do ramadan com festividade moral e espiritual. E este feito, é o altruísmo, segundo Ruppenthal Neto (2020), um feito praticado pelo Profeta Maomé, quando em Medina, ao trabalhar pela comunidade ali instaurada, independente da nacionalidade das pessoas. A afirmação de Sarde Neto (2020) se dá no tocante desta sacralidade, esta é decorrente de que em Medina, localizada a 350 km ao norte de Meca, ser a parte mais fértil da região, foi onde ocorreu os grandes eventos que foram extremamente importantes na vida do Profeta Maomé. Em Medina, existe ainda a Mesquita de Al-Masjinaan-Nabawi, onde se encontra sepultado o Profeta Maomé, suas esposas e dois grandes companheiros e primeiros califas, Abu Bakr e Umar Ibn Al-Katab.

6 Jerusalém, a cidade de luz, terceira cidade sagrada para o islamismo

Para compreensão do nome Jerusalém, conhecida como sagrada para Islamismo, Judaísmo e Cristianismo, Armstrong (2009) afirma que convém contemplar a origem deste nome: a cidade parece incorporar o nome de um deus sírio Intitulado Shalem, a qual se identificava com o sol poente ou uma estrela vespertina. A terra de Canaã estava sob domínio político do Egito, entretanto, em matéria de cultura e religião, recebia a influência da Síria. Tal atribuição decorre de templos construídos no padrão sírio, e encontrados em Hasor, Meguido e Siquém. Em Jerusalém, não foi encontrado nenhum templo da Idade do Bronze, mas o nome Jerusalém demonstra que seus habitantes estavam ligados a religião síria. Antes de se chamar Jerusalém, originalmente foi chamada de *Rushalimum* que provavelmente significava *Shalem*

fundou, um deus, pois, no antigo oriente o povoamento e o urbanismo eram feitos pela divindade, e ainda, a crença destes povos explicando sua geografia sagrada, com a afirmação de sua constituição por uma divindade.

No curso da história, existe um episódio que demonstrou uma outra importância de Jerusalém como sagrada, segundo Gaarder, Hellern, Notaker (2000), estes narram que na fuga de Meca para Medina, no episódio conhecido como Hégira, o Profeta Maomé ensinou aos seguidores que as orações diárias dos fiéis, naquele tempo, necessitavam de ocorrer com o rosto voltado para Jerusalém, entretanto, rompimentos ocorreram posteriormente com os judeus e cristãos, mudando este sagrado hábito de função, onde os fiéis ao Islamismo, em suas orações diárias, voltariam seu rosto para Meca, o local onde se encontra a Caaba, e não mais a cidade de Jerusalém, assim como nesta promulgação, o sábado não seria mais sagrado ao Islamismo, mas sim, a sexta-feira, onde se atribuiu como sendo um dia de muita festividade, e contando também com as cinco orações diárias, e com o rosto voltado para a cidade de Meca. Sarde Neto (2020) relata que a sacralidade de Jerusalém se liga a Mesquita de Al-Aqsa, aqui também se encontra o Domo da Rocha, construídos entre 688 e 692, sobre as ruínas do Templo de Jerusalém, construção esta empreendida por Abdel Malik, executada especificamente sobre as ruínas do antigo Templo de Jerusalém. Neste local, acredita-se que seja o local onde Maomé foi elevado ao céu (este local é a Mesquita de Al-Aqsa), e onde Ismael teria sido levado por Abraão para ser sacrificado, fato este paralelo com a Bíblia que relata o sacrifício do outro filho chamado Isaque (este local é o Domo da Rocha), embora ambos os sacrifícios não tenham ocorrido.

Gil Filho (2012) apresenta a sacralidade de Jerusalém, enfatizando primeiramente a questão descrita no Alcorão Sagrado, na surata 17 intitulada Al Isrá - (A viagem noturna) verso 1:

Glorificado seja Aquele que, durante a noite, transportou o Seu servo, tirando-o da Sagrada Mesquita (em Makka) e levando-o à Mesquita de Alacsa (em Jerusalém), cujo recinto bendizemos, para mostrar a ele alguns dos Nossos sinais. Sabei que Ele é o Oniouvinte, o Onividente.

Com a questão narrada no Alcorão, observa-se o nome da cidade Jerusalém entre parênteses. O nome Jerusalém não consta no Livro Sagrado dos muçulmanos intitulado Alcorão relata Sarde Neto (2020), mas somente a Mesquita de Alacsa, que se localiza em Jerusalém. Esta cidade foi ocupada pelos muçulmanos em 637 d.C. afirma Carroll (2013), depois de cinco anos da morte do Profeta Maomé. Este espaço de tempo é bem compreensível. O Profeta promoveu durante sua vida a motivação aos grupos que o acompanhavam, vindos da Arábia com o objetivo principal da crença em um Deus único, e aqui residiu a busca incessante por

Jerusalém, uma primeira caminhada militar para a tomada da cidade considerada como *Al Quds*, “a Santa”. Na questão sacra, é em Jerusalém que se localiza o Domo da Rocha (localizado no Monte Moriáh), abundante em ouro na sua cúpula, o santuário muçulmano foi construído no século VII d.C. Ainda na questão do Domo da Rocha, a retroatividade em ser o local onde Abraão sacrificaria Ismael (Alcorão), ou Isaque (Bíblia), seu filho. Este monumento religioso intitulado, Domo da Rocha se localiza em uma área ampla intitulada *Haram Al-Shafif* (Nobre santuário), uma área de 35 acres. E em outro lado do Domo, está a Mesquita de *Al-Aqsa*, dotada de uma bela arquitetura, com fundamentos herodianos até os arcos góticos construídos pelos cruzados. Importante a compreensão de que toda esta área é considerada uma mesquita a céu aberto.

Quanto ao início da construção do Domo da Rocha (não se trata de uma Mesquita), Hourani (2006) afirma que na década de 690, ocorre a primeira grande construção islâmica simbolizando o Islamismo como religião que perduraria. Trata-se de uma construção que ocorreu no mesmo local do antigo Templo judeu de Jerusalém, que agora tem uma construção muçulmana no local, onde os peregrinos que passam por Jerusalém podem visitar e contemplar a grandeza de Deus. Assim, após este grande empreendimento, começarão as novas grandes Mesquitas, todas voltadas para Meca, devido a Caaba, e estas serão construídas em outros centros religiosos pelo país, para desfrute dos fiéis por onde passarem.

É importante compreender, que estas construções estão localizadas no antigo Templo judeu, e por ser o antigo santo dos santos, os judeus não trafegam nesta área, por insegurança em adentrar em um local, que antigamente, era considerado de acesso somente ao sumo sacerdote no tempo devido.

7 Considerações finais

A religião islâmica se fundamenta no monoteísmo, e aqui, a revelação de Deus ou Allah, que são a mesma Divindade, se apresenta para o fiel trazendo a revelação por meio de um Livro Sagrado, o Alcorão. O Profeta Maomé é o último na sucessão de Profetas instituídos (houve outros profetas, a exemplo: Adão, Abraão, Jesus e outros), e Maomé foi o enviado para guiar a humanidade e trazer a palavra final de Deus. Nesta religião, a adoração é somente a Deus, não existem imagens para adoração da divindade, Maomé não é considerado uma divindade, e não existem maometanos, pois seria uma idolatria. É preciso ainda considerar que nem todo árabe é muçulmano, e que nem todo muçulmano é um árabe. No tocante ao termo muçulmano, compreenda-se que o significado do termo

consiste na palavra árabe chamada *muslim*, que significa que o fiel da religião islâmica é um seguidor e submisso a Deus, e segue os ensinamentos do Profeta Maomé, e tem os princípios atribuídos pelo Alcorão. Com estas premissas, árabe é um termo para a etnia de um grupo geográfico e muçulmano é um seguidor do Islamismo.

Existem objetos sagrados para o Islamismo, e estes se apresentam para um muçulmano, a exemplo o Alcorão, inteiramente revelado por Deus, e escrito após a morte do Profeta Maomé, a Caaba localizada na cidade de Meca, um local de peregrinação e que todo fiel muçulmano precisa peregrinar, ao menos uma vez na vida, desde que tenha condições financeiras para este feito, e na Caaba, é o local onde se encontra a pedra negra, uma relíquia que remonta aos tempos de Adão e Eva. A grande Mesquita de Meca, a Mesquita do Profeta em Medina, e a Mesquita *Al-Aqsa* em Jerusalém, são considerados os principais templos sagrados do Islamismo. Vale dizer que o significado da palavra Mesquita (em árabe *Masjid*) se apresenta como local de culto e o fiel da religião, se apresenta para as orações e se prostra com a testa ao chão, em sinal de reverência a Deus. Aqui inexistem esculturas ou imagens, é um local limpo, e tem seu nicho voltado para Meca.

No que concerne as cidades, Meca é a mais sagrada, por aqui se localizar a Caaba e a grande Mesquita; Medina, a segunda cidade, local de refúgio do Profeta Maomé, quando das perseguições sofridas por pregar o monoteísmo a um povo idólatra de Meca, pregação esta que prejudicava os comerciantes dominantes da economia naquele local, esta ida para Medina marcou o início do calendário islâmico e o episódio é conhecido por hégira; e em terceiro lugar, Jerusalém, local da ascensão do Profeta ao sétimo céu para conversar com Moisés, Jesus, Abraão e outros Profetas, e se encontrar com pessoalmente com Deus, episódio central, ocorrido após a viagem noturna de Meca para Jerusalém no lombo da criatura chamada de Buraque, uma criatura mítica e sobrenatural. Acredita-se que após a chegada na Mesquita, o Profeta subiu aos céus na Mesquita de *Al-Aqsa*, daí a sua sacralidade, lembrando ainda que esta Mesquita está muito próxima do Domo da Rocha, em Jerusalém.

Este trabalho não abrange a totalidade do tema, e não esgota o assunto, pois, existem inúmeras pesquisas que trabalham este tema. Neste artigo, foram trabalhadas fontes islâmicas e não islâmicas, e todas concordantes nas questões a que este artigo se propôs a responder. Os objetivos foram apresentados e solucionados, se tornando esclarecedores nesta questão.

Referências

- ABDALATI, H. **O Islam em Foco**. Lisboa: Comunidade Islâmica, 2008.
- ALCORÃO. **Os Significados dos Versículos do Alcorão Sagrado: Língua Portuguesa**. São Paulo: FAMBRAS, 2018.
- AL-KHAZRAJI, X. T. H. **Islamismo**. São Paulo: Bela letra, 2015.
- ARMSTRONG, K. **O Islã: uma breve introdução**. Tradução de Heloísa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- ARMSTRONG, K. **Jerusalém: uma cidade, três religiões**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2009.
- ARMSTRONG, K. **Em nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2010.
- ARMSTRONG, K. **Uma história de Deus**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2022.
- CARROLL, J. **Jerusalém**. Jerusalém: como a história da antiga cidade sagrada para três grandes religiões deu início ao mundo moderno. São Paulo: Cultrix, 2013.
- CARVALHO, C. **História Medieval**. Curitiba: InterSaberes, 2016.
- COSTA, J. P. da. **O Islã, os muçulmanos e seus conceitos**. Caxias do Sul: Educs, 2020.
- CUMINO, A. **Deus, deuses, divindades e anjos: teologia, mitologia e angeologia**. São Paulo: Madras, 2008.
- FARIA, A. A. **Filosofia da religião**. Curitiba: InterSaberes, 2017.
- FILHO, M. **Islamismo**. São Paulo: Lafonte, 2021.
- GAARDER, J.; HELLERN, V.; NOTAKER, H. **O livro das religiões**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2000.
- GIL FILHO, S. F. **Espaço sagrado: estudos em geografia da religião**. Curitiba: InterSaberes, 2012.
- HOURLANI, A. **Uma história dos povos árabes**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2006.
- KALISCH, M. O monoteísmo do Islã e a problemática da tolerância e da violência. In: FÜRST, A. (org.). **Paz na Terra? As Religiões Universais entre a renúncia e a disposição à violência**. São Paulo: Ideias & Letras, 2009. p. 231.
- LEME, E. C. S. **História e historiografia medieval oriental**. Curitiba: InterSaberes, 2019.
- MORETÃO, A. S. **Entre a Modernidade e a Tradição: Empoderamento feminino no Irã e na Turquia**. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

MÜLLER, F. M. **Introdução à ciência da religião**. (Coleção Ciência & Religião). São Paulo: Paulinas, 2024.

RIES, J. **A ciência das religiões**: história, historiografia, problemas e método. Petrópolis: Vozes, 2019.

RIES, J. **Mito e rito**: as constantes do sagrado. Petrópolis: Vozes, 2020.

RODRIGUES, A. Arafat, monte da Emoção e da Fé. **carlosromero.com**, 2024. Disponível em: <https://www.carlosromero.com.br/2024/07/monte-arafat.html>. Acesso em: 8 nov. 2025.

RUPPENTHAL NETO, W. **Ética das religiões**. Curitiba: InterSaberes, 2020.

SAMY, A. **Os iranianos**. São Paulo: Contexto, 2014.

SARDE NETO, E. **Islamismo**: história, cultura e geopolítica. Curitiba: InterSaberes, 2020.

SCHILLING, V. **Ocidente e Islã**. Porto Alegre: L & PM, 2003.

Data de submissão: 05/05/2026

Data de aceite: 29/05/2026